



Universidade Federal de Juiz de Fora
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Marianne Rodrigues Vieira

CENTRO CULTURAL NOVA ERA:
as memórias do bairro materializadas na arquitetura

Juiz de Fora

Julho / 2023



Universidade Federal de Juiz de Fora
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Marianne Rodrigues Vieira

CENTRO CULTURAL NOVA ERA:
as memórias do bairro materializadas na arquitetura

Monografia apresentada à Faculdade de
Arquitetura e Urbanismo da Universidade
Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial
para conclusão da disciplina Trabalho de
Conclusão de Curso I.

Orientador: Prof. Dr. Emmanuel Sá Resende
Pedroso

Juiz de Fora
Julho / 2023

Marianne Rodrigues Vieira

CENTRO CULTURAL NOVA ERA:

As memórias do bairro materializadas na arquitetura

Monografia apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para conclusão da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso I.

Data da Aprovação:

Juiz de Fora ____/____/_____

EXAMINADORES

Prof. Orientador: Emmanuel Sá Resende Pedroso

Juiz de Fora

Julho / 2023

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Rodrigues Vieira, Marianne.
CENTRO CULTURAL NOVA ERA : As memórias do bairro materializadas na arquitetura / Marianne Rodrigues Vieira. -- 2023.
43 p.

Orientador: Emmanuel Sá Resende Pedroso
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2023.

1. Identidade Coletiva. 2. Centro Cultural. 3. Nova Era. I. Sá Resende Pedroso, Emmanuel , orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, aos meus pais, Maria Aparecida e Miguel, por sempre me apoiarem e darem todo o suporte necessário ao longo desta caminhada. As minhas irmãs pela parceria e acolhimento.

Aos meus amigos de faculdade Lais Batista, Lucas Scafutto, Caio Nonno, Mariana Corrêa, Mariana Soares, Miguel Bisaggio, Victória Peixoto, Gabriela Mendes, por me acompanharem nessa jornada intensa.

À Universidade Federal de Juiz de Fora pela excelência no ensino e pelo ambiente maravilhoso que proporciona.

Ao corpo docente da FAU-UFJF pelo conhecimento e dedicação.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo principal materializar no projeto de arquitetura e urbanismo as subjetividades intrínsecas à identidade coletiva do bairro Nova Era, Juiz de Fora - MG. Busca-se compreender o papel da memória e história oral na composição do imaginário de um lugar, examinando como a presença de um Centro Cultural poderia contribuir para sua manutenção, além de atuar na democratização do acesso à cultura e ao lazer. Para isto, o diálogo com moradores foi fundamental para ampliar o entendimento acerca dessa identidade, atrelada a uma análise urbana detalhada, e ainda, a estudos de caso que contribuíram para a expandir o repertório projetual. A partir dos processos subjetivos e objetivos de análise, foram definidos um programa de necessidades preliminar e diretrizes para nortear o exercício de projeto que será executado na próxima fase (TCC II).

Palavras-chave: (1) Identidade Coletiva. (2) Centro Cultural. (3) Nova Era.

Abstract

This work has as main objective to materialize in the architecture and urbanism project the subjectivities intrinsic to the collective identity of the Nova Era neighborhood, Juiz de Fora - MG. It seeks to understand the role of memory and oral history in the composition of the imaginary of a place, examining how the presence of a Cultural Center could contribute to its maintenance, in addition to acting in the democratization of access to culture and leisure. For this, the dialogue with residents was fundamental to broaden the understanding of this identity, linked to a detailed urban analysis, and also to case studies that contributed to expand the project repertoire. From the subjective and objective processes of analysis, a preliminary needs program and guidelines were defined to guide the design exercise that will be carried out in the next phase (TCC II).

Keywords: (1) Collective Identity. (2) Cultural Center. (3) Nova Era.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. MEMÓRIA, HISTÓRIA E IDENTIDADE COLETIVA	8
2.1. Cultura e Lazer	9
2.2. Pertencimento e Identificação	10
2.3. História Oral e Memória Coletiva	11
2.4. A Arquitetura como a Materialização da Memória	12
3. ESTUDOS DE CASO	13
3.1. ESCOLA GUIGNARD - BELO HORIZONTE, MG	14
3.2. SESC POMPÉIA - São Paulo, SP	17
4. CONTEXTO URBANO: BAIRRO NOVA ERA	22
4.1. O Bairro Nova Era	22
4.2. Um Centro Cultural no bairro Nova Era	25
4.2. Programa e Diretrizes Arquitetônicas	38
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40

1. INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo principal reunir elementos simbólicos culturais do bairro Nova Era a fim de serem empregados como diretrizes para o projeto urbano e arquitetônico de um Centro Cultural. Para tal, em um primeiro momento, serão necessárias: uma revisão bibliográfica com o propósito de obter uma compreensão abrangente acerca da memória, história e identidade coletiva, aprofundando nos fundamentos da cultura e do lazer, do pertencimento e identificação, história oral e a memória coletiva, e, por fim, da arquitetura como a materialização da memória. Em um segundo momento serão realizados dois estudos de caso a fim de auxiliar na construção de um repertório projetual, e embasar futuras decisões e diretrizes de projeto. No terceiro momento, o bairro Nova Era será apresentado e contextualizado através de análises urbanas, onde será justificada a escolha do terreno e tipologia arquitetônica que será desenvolvida no TCC II, mapeamento do seu entorno imediato sob diferentes perspectivas, e a elaboração de um programa de necessidades e diretrizes arquitetônicas preliminares. Por fim, será apresentada a conclusão do trabalho aqui desenvolvido.

A metodologia utilizada neste estudo teve como base a revisão bibliográfica, conversa com moradores, análise urbana através de mapas e levantamento fotográfico. Com base no diagnóstico obtido, será proposto um projeto de arquitetura e urbanismo que materialize, no TCC II, as subjetividades culturais que compõem a identidade coletiva do bairro Nova Era, a fim de que este lugar contribua para a garantia do acesso à cultura e lazer à população.

2. MEMÓRIA, HISTÓRIA E IDENTIDADE COLETIVA

A memória desempenha um papel crucial na construção da identidade individual e coletiva, preservando vivências e experiências que moldam quem somos e nossa compreensão do mundo ao nosso redor. Além das características individuais, a identidade é também formada pela memória cultural e artística, tanto material quanto imaterial, que desempenha um papel fundamental em nosso senso de pertencimento a uma determinada sociedade. Da mesma forma, a história, com seus

eventos e personagens, é a conexão entre o ser humano e o passado, sendo acessada por meio da memória. Dessa maneira, a preservação e valorização da memória são de suma importância para a compreensão e construção da identidade individual e coletiva. Neste capítulo serão abordados os papéis da Cultura e do Lazer neste processo, os conceitos de Pertencimento e Identificação, História Oral e Memória Coletiva, para enfim, compreender como a arquitetura e o urbanismo atuam como agentes geradores de identidade coletiva.

2.1. Cultura e Lazer

A palavra “cultura” compreende um conjunto de significados diversos, o que confere ao termo uma grande complexidade. Tem origem do latim *colere*, que pode ser definido como “cultivo”, “culto” e ainda “cultivo da mente” (SOUZA; BORGES, 2019, p. 07). Atualmente, o principal significado de cultura está vinculado ao “[...] complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem o modo de vida de um grupo específico” (EAGLETON, 2011, p. 52). Sendo assim, podemos afirmar que a cultura é a reunião de elementos materiais e imateriais, como a arte, música, literatura, religião, esporte, tradições e costumes, que caracterizam uma sociedade, como uma marca, uma forma de identidade e de identificação.

A partir da Constituição Federal do Brasil de 1988, o acesso à cultura e ao lazer passam a integrar os direitos fundamentais de todos os brasileiros, tornando-se responsabilidade do Estado a sua promoção e garantia:

Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

o lazer, por sua vez, segundo DUMAZEDIER (1976, p. 94), é:

[...] um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

Ao longo da história, a relação entre o homem e o trabalho, os meios de produção, a tecnologia e a política têm desempenhado um papel crucial na maneira como o lazer é vivenciado (MENOIA, 2000, p.7). Os eventos econômico-sociais de destaque na história influenciaram (e ainda influenciam) o comportamento coletivo em relação ao tempo livre.

A cultura e o lazer se integram e são consequência uma da outra, uma vez que as diferentes atividades de lazer são originadas a partir da cultura de uma comunidade, por si e para si:

[...] é produzido historicamente por uma determinada população que, de forma diferenciadamente espontânea, o desenvolve, segundo sua cultura, como atividade de lazer (PAGNI, 1991, p. 08).

O lazer pode ser considerado, portanto, um dos principais elementos constituintes de uma cultura, já que viabiliza a formação dos valores sociais, afetivos, criativos e estéticos, além de serem importantes ferramentas para a promoção da diversidade, democracia e inclusão social. Os valores e símbolos atribuídos por um grupo de pessoas a uma atividade de lazer, são pilares da identidade cultural coletiva de uma sociedade.

2.2. Pertencimento e Identificação

O conceito de pertencimento refere-se a um enlace que envolve as pessoas aos lugares. Segundo Cardoso (2017, p 89), sentir-se pertencente implica em olhar e reconhecer-se. A ideia de pertencimento se deve, de acordo com (TUAN, 1974, p.30), à tendência humana de estruturar o espaço, físico e abstrato, se colocando no centro e a partir daí, criar zonas concêntricas de valores e importâncias decrescentes.

Poderíamos afirmar, portanto, que a relação de pertencimento entre o indivíduo e o espaço se inicia a partir de seu corpo, estende-se à construção onde habita, à sua rua, bairro, região, cidade, e assim por diante, estabelecendo portanto, uma relação de identificação.

A noção de identidade contém duas dimensões: a individual e a coletiva (OLIVEIRA, 2003, p. 118). A identidade individual se caracteriza como a forma com que uma pessoa se reconhece como um indivíduo por suas características físicas, subjetivas e culturais. A identidade coletiva, por sua vez, “provoca ainda pensar em si mesmo como integrante de uma sociedade que atribui símbolos e valores éticos e morais, o que destaca características culturais” (CARDOSO, 2017, p.89).

2.3. História Oral e Memória Coletiva

A distinção entre história e memória é descrita por **Pierre Nora (1984, p.9-10)** como uma dicotomia entre abordagens laicas, intelectuais e universal, versus subjetivas, afetivas e plurais. Enquanto a história utiliza dos métodos científicos para a sistematização do passado, a memória está nas experiências pessoais, nas vivências e nas relações das pessoas com o mundo ao seu redor. Uma vez a pesquisa tem como objetivo ressaltar as potencialidades do bairro Nova Era sob a perspectiva das relações afetivas e conexões estabelecidas entre as pessoas e o lugar, e, além disso, devido a ausência de referências bibliográficas que tangem o assunto, a memória se torna protagonista e fonte primária para a pesquisa aqui desenvolvida.

A historiografia, diferente da história cujo caráter é científico, atua em prol de uma narrativa da história com maior riqueza de detalhes, pontos de vista e contextos. Permite ser influenciada pela pluralidade de interpretações de uma mesma história, tendo a memória das pessoas como fonte principal. Neste contexto, a figura do indivíduo idoso, por possuir mais vivências agregadas em si, destaca-se pela sua vocação como guardião da memória, tendo um papel fundamental na preservação e compartilhamento da identidade cultural de um determinado grupo:

Conhecer o passado é olhar para si. A cultura e história, bem como a personalidade humana, são esculpidas ao longo do seu caminho vivencial. A experiência de vida torna a pessoa idosa o ser no ápice do contato mundano, responsável pela constituição e transmissão de valores de seu povo.” (PEDROSO, 2001, p. 38).

e ainda, segundo (OLENDER, 2021, p. 84):

[...] Mas estas figuras, cujos corpos tornam possível a materialização do intangível, estão presentes em quaisquer profissões, em quaisquer culturas (em algumas delas, conhecidos como anciãos), em quaisquer grupos sociais. São considerados experientes, experts, sábios e/ou detentores de saberes porque se exercitaram/exercitam incansavelmente a partir de uma equação que coloca em relação seu corpo (memória, sentidos, sensações, atenção, consciência, movimentos), o tempo (história, repetições, transformações, devir) e espaço (coisas e condições do ambiente, ferramentas) para que executem determinados fazeres (OLENDER, 2021, p.84).

A distinção entre história e memória revela a complementaridade entre abordagens científicas e afetivas na compreensão do passado. No caso da pesquisa sobre o bairro Nova Era, a ausência de referências bibliográficas direciona o foco para a memória e história oral como fonte primária. Assim, as narrativas tendem a abordar as relações afetivas e conexões estabelecidas entre o indivíduo e o lugar. Nesse sentido, a memória se torna protagonista, permitindo uma narrativa mais rica e detalhada da história local. Além disso, a figura do indivíduo idoso emerge como guardião da memória, contribuindo de forma fundamental para a manutenção da identidade coletiva.

2.4. A Arquitetura como a Materialização da Memória

A arquitetura é, por essência, a forma de registro mais evidente e duradoura da atividade de uma civilização no planeta, evidenciando sua identidade e expressão, suas relações sociais e econômicas, organização territorial, suas crenças, costumes e até valores estéticos. A arquitetura, portanto, atua como um palco físico onde a memória é expressa e preservada, permitindo que as gerações atuais se conectem com o legado histórico, cultural e social estabelecido por gerações anteriores.

Na contemporaneidade, a arquitetura e o urbanismo, continuam influenciando nos processos de construção da identidade de um lugar, uma vez que são o cenário da vida urbana, mediando encontros e trocas entre os indivíduos, tanto que podem ser elegidos como patrimônio material, perpetuando a história:

A arquitetura é um dos componentes fundamentais do patrimônio, uma vez que ela é capaz de traduzir, através de suas formas e volumes, a imagem que uma sociedade tem de si mesma e de seu papel na história universal. Cada sociedade cria, através da arquitetura, um universo simbólico que representa seus valores, sua cultura, sua identidade, seus projetos. A arquitetura é, assim, um documento privilegiado para a história, a antropologia, a sociologia, a semiótica, a psicologia. Além disso, ela é um

dos elementos fundamentais do meio ambiente, e, como tal, exerce um papel ativo na vida das pessoas, que a utilizam e a percebem como parte de seu cotidiano (CHOAY, 2001, p. 13).

Segundo Espolador (2018, p. 637 apud NEVES 2013, p. 2), um centro cultural é construído com "objetivo de se produzir, elaborar e disseminar práticas culturais e bens simbólicos, obtendo o status de local privilegiado para práticas informacionais que dão subsídio às ações culturais". Sob esta perspectiva, um centro cultural se configura como o espaço dedicado à promoção da cultura, lazer e esporte, tornando-se fundamental para a consolidação e preservação da identidade e história de um lugar, mas não só. A presença de um centro cultural também pode fortalecer outras atividades como comércio e serviço locais, uma vez que atua como gerador de diversidade, devido ao aumento do fluxo de pessoas, suas necessidades e interesses, ressaltando a complexidade do espaço urbano e a interlocução entre todos os elementos que o compõem.

O acesso à cultura e ao lazer é garantido por lei e precisa ser uma preocupação básica no que diz respeito ao planejamento urbano das cidades. Sendo assim, o centro cultural representa uma possibilidade de contemplar a necessidade de cultura, permitir que a apropriação dos espaços seja democrática e inclusiva, principalmente nas regiões afastadas dos centros urbanos, como é o caso do bairro Nova Era, onde um centro cultural tem a potência de fortalecer a identidade coletiva e permitir que ela seja ressignificada.

3. ESTUDOS DE CASO

A escolha dos estudos de caso que serão apresentados neste capítulo se devem ao fato de serem projetos de arquitetura nacionais bem sucedidos quanto a sua utilização, sua relação com o entorno e implantação no terreno, multiplicidade de usos, além de sua contribuição para a cultura local e formação identitária coletiva. Além disso, suas linguagens arquitetônicas, relação com o espaço público, com a arte, cultura e lazer, foram fundamentais para a sua escolha.

3.1. ESCOLA GUIGNARD - BELO HORIZONTE, MG

A Escola Guignard foi fundada em 1943 na cidade de Belo Horizonte, MG, ainda com nome de Escola de Belas-Artes, pelo então prefeito Juscelino Kubitschek, em parceria com o artista Alberto da Veiga Guignard. Ao longo da história, a escola enfrentou grandes dificuldades devido à falta de uma sede própria, o que levou a uma série de crises, discussões e trâmites para que finalmente o terreno fosse cedido e o projeto desenvolvido por Niemeyer (MOURA, 1993, p. 55-56):

Para que o referido grupo de trabalho tivesse condições de dinamizar o projeto foi necessário uma verdadeira maratona empreendida pelo presidente da Fundação Escola Guignard, Dr. Ney Octaviani Bernis e pelo diretor José Herculano Ferreira, que teve que ir ao Rio de Janeiro, nada menos que sete vezes para acompanhar o andamento do projeto de Niemeyer e conseguir tê-lo em mãos no final de 1985, cuja descrição do autor é a seguinte: “A Escola Guignard deve ser simples, modulada, sem estrutura de concreto, ter como apoio apenas as paredes de alvenaria. Deve ser altamente flexível e sua planta numa disposição tal que permita mudar a utilização de suas salas sem quebrar o rigor da circulação projetada. Uma destinada aos alunos e a outra, aos serviços administrativos e salas de aula. Para isso uma circulação externa serve a estes últimos, possibilitando que as aulas mais ligadas ao ensino, utilizem a galeria dos alunos. Os espaços internos compreendem dois tipos de modulação que para simplificar a construção se superpõem parede sobre parede. Os ateliers com 6 metros de pé direito duplo, e a administração e salas de aula com dois pisos, 3 metros de altura. Os acabamentos internos deverão acompanhar a simplicidade das fachadas. De um modo propomos: para os pisos, plurigoma preta; paredes caiadas em branco; teto de concreto aparente; portas de fórmica cinza etc. Uma escola de extrema singeleza, toda caiada de branco inclusive o cobogó. Tudo isso dará as formas livres e barrocas do auditório e da sala de exposição, o contraste sempre encontrando numa boa arquitetura. Quanto à localização da escola no Parque Municipal, devo explicar que ela está prevista numa faixa sem jardim, árida e de terra junto à fachada posterior do teatro onde, outro teatro menor já está projetado. A localização da escola nessa área evitará que os fundos do teatro abram para um parque tão bonito, criando entre os dois o elemento de transição desejável, com seu volume e sua arquitetura singela”. A) Oscar Niemeyer.

Houve grande resistência à construção da Escola no Parque Municipal, e a obra foi embargada. Após árdua procura, o secretário municipal de Administração Omelindo Andrade Couto conseguiu do prefeito Sérgio Ferrara a cessão de uso da área de 2.000m², na Praça Alexandre Salum Cadar, final da Rua Odilon Braga, Alto Sion/Mangabeiras, através do Decreto Municipal nº 6.196, de 23 de dezembro de 1988. A construção do espaço enfrentou vários desafios, como um prazo curto para conclusão, resistência ao projeto original de Niemeyer e inadequação do mesmo às

características do novo terreno. Foi necessário criar um novo projeto arquitetônico cujo custo seria elevado se não fosse pela generosa oferta do arquiteto Gustavo Penna em projetar gratuitamente o novo espaço.

A Escola Guignard, portanto, foi projetada pelo arquiteto Gustavo Penna e Associados entre os anos de 1989 - 1990, na Serra do Curral. A obra foi concluída em 1994, e possui uma área construída de 7.500m².

A localização do terreno, junto a Serra do Curral, influenciou a concepção projetual de Gustavo Penna que, “inspirou-se na topografia do terreno e na paisagem circundante para criar a imagem da edificação; um grande pássaro abre as asas sobre a cidade que tem, dali, um belo horizonte” (MOURA, 1993, p. 58). A característica e estética modernista mineira ficam bem destacadas nas formas curvas (figura 01 e 02), e, tecnologicamente, o projeto faz o uso do aço como sistema construtivo principal o que, como decorrência, se torna parte da estética do edifício. A utilização do aço também se deve a disposição em abundância do minério de ferro na região:

Ora, aqui a minha serra é de ferro, meu chão é de ferro. Eu tenho que tentar traduzir minhas necessidades interiores numa estética que ganhe corpo no edifício e que fale sobre as relações entre as pessoas, sobre o jeito como as pessoas se tratam, sobre as festas daqui. O projeto da Escola Guignard tem um movimento que lembra um trem mineiro, mas traz também a referência ao afloramento: para trabalhar um projeto numa região montanhosa não se pode desenhar um plano; ao contrário, a declividade é um dado fundamental do projeto. E a paisagem ao redor mostra a vegetação arbustiva e alguns afloramentos rochosos espalhados. A escola é um edifício de aço que aflora de uma montanha de ferro (PENNA, 2012, p.1).

Figura 01 - Ilustração Escola Guignard



Fonte: UEMG, 2019

Figura 02 - Escola Guignard



Fonte: Gustavo Penna, 2000

O programa do projeto levou em conta a matriz curricular dos cursos as atividades que seriam desenvolvidas, estudando criteriosamente a “disposição das salas de aulas teóricas; as salas-oficinas destinadas à Pintura, Gravura, Desenho, Cerâmica, Escultura, Modelagem, laboratórios e Centro de Extensão e Pesquisa”. Além disso, a escola ainda dispõe de salas de professores e de exposição, um anfiteatro no subsolo, sala do diretório acadêmico, biblioteca, setor de comunicação, cantina, secretaria, sala de administração e apoio, e área externa gramada contígua a um palco para apresentações. Este espaço externo promove e ressalta características muito inerentes à cultura mineira, que é a de reunir-se na praça.

3.2. SESC POMPÉIA - São Paulo, SP

A escolha do edifício do Sesc Pompéia para análise no contexto deste trabalho se deve ao fato do projeto ter ressignificado um edifício que anteriormente desempenhava outra função, preservando suas características industriais, o que evidencia o respeito à história e memória do lugar e da cidade de São Paulo. O projeto é de autoria da arquiteta Lina Bo Bardi, uma de suas obras primas, marcando a estética brutalista paulista, e o pioneirismo na adaptação de edifícios industriais.

O SESC, integra, junto ao SENAC, SENAI e SESI, o conjunto de instituições brasileiras chamado de Sistema S. Este sistema foi criado com o intuito de qualificar a mão de obra brasileira, que era majoritariamente rural naquela instância, na década de 1940, à indústria (BECHARA, 2017, p.30). A partir da década de 1960, o SESC (Serviço Social do Comércio), adquire um caráter cultural e passa a atuar “em prol da formação de cidadãos mais plenos e integrados à vida do país. Esse é o grande diferencial da instituição, que oferece projetos e serviços nas áreas de educação, saúde, cultura, lazer e assistência social” (SESC, p. 1).

A área atualmente ocupada pelo SESC Pompeia possui um passado industrial marcante na história da cidade de São Paulo na década de 1930. Segundo Borges (2012, p.1), a indústria de tambores, propriedade da empresa alemã Mauser & Cia LTDA, foi adquirida pelo SESC em 1973, com o intuito de transformá-la em um centro cultural e desportivo.

O projeto inicial, encomendado à Júlio Neves, previa demolir o complexo para a sua construção (NAHAS, 2008, p. 16). No entanto, devido aos altos custos que a obra geraria, surge a ideia de reutilizar a estrutura dos edifícios existentes. Esta decisão também se deve à uma visita a São Francisco (EUA), onde os administradores do SESC se inspiraram em um projeto de requalificação residencial à um centro cultural, levando-os a convidar Lina Bo Bardi para a realização do novo projeto.

Lina Bo Bardi assumiu o compromisso de redesenhar os prédios da antiga fábrica, apresentando uma nova proposta, que toma como partido para o conceito arquitetônico, a preservação das características industriais originais, como a estrutura de concreto armado, tijolos e tubulações aparentes, e as incorpora a elementos contemporâneos, adequando-os às suas novas funções. Essa trajetória

histórica revela a importância do SESC Pompeia como um exemplo notável de requalificação de um espaço industrial, que foi transformado em um centro cultural diverso e democrático, inaugurado em 1982.

O SESC Pompeia abrange diversas atividades culturais, esportivas, sociais e educacionais. Assim, o programa arquitetônico precisou prever espaços que abrigassem ambientes para apresentações teatrais e musicais, salas de exposições, biblioteca, áreas de lazer com piscinas e quadras esportivas, espaços para oficinas, cursos e palestras. O projeto também comporta áreas de convivência e restaurantes para atender aos visitantes. Para atender a este programa, o projeto de requalificação do complexo fabril precisou passar por duas etapas:

a primeira, de 1977 a 1982, com a recuperação dos galpões antigos; e a segunda, de 1982 a 1986, com a construção dos prédios novos. O restauro baseou-se na Carta de Veneza. O reboco das alvenarias de tijolos foi removido, as telhas foram lavadas e algumas trocadas por telhas de vidro. As pequenas intervenções no interior dos galpões foram executadas em concreto aparente. Algumas aberturas foram colocadas nas paredes, com fechamento em muxarabi de madeira. (NAHAS, 2008, p. 17).

Os três prédios adicionais (Figura 03) , em concreto aparente, foram construídos para abrigar as atividades esportivas, sendo que: a torre maior possui cinco pavimentos com pé-direito duplo, abrigando as quadras e a piscina; a torre menor com 11 pavimentos, abriga a circulação vertical com 2 elevadores, escada helicoidal interna e escada de segurança externa, lanchonete no térreo, salas de apoio ao bloco esportivo, vestiários, salas de ginástica, sala de dança e sala de palestra. É deste bloco que saem as passarelas que o ligam ao bloco das quadras; por fim, o terceiro abriga a caixa d'água.

Figura 03 - Prédios adicionais projetados por Lina Bo Bardi



Fonte: Pedro Kok, 2013

O projeto é caracterizado por uma setorização clara, que organiza os diferentes espaços de acordo com suas funções específicas, dividido em blocos interligados, com espaços abertos e pátios internos que proporcionam uma circulação fluida e facilitam a integração entre as atividades (Figura 04). A acessibilidade também é uma preocupação presente no projeto, com rampas e elevadores que garantem a mobilidade para todas as pessoas.

Figura 04 - Interligação dos Blocos por meio de Passarelas



Fonte: Julio Roberto Katinsky, 1980

Quanto à sustentabilidade, o projeto foi concebido levando em consideração o aproveitamento da luz natural, a ventilação cruzada, além de sistemas eficientes de climatização e iluminação. A decisão por restaurar o edifício, já é por si um ato sustentável, uma vez que diminui a produção de resíduos da construção civil.

A identidade visual do SESC Pompeia é marcada pela valorização da arquitetura industrial e por elementos característicos da arquitetura brutalista paulistana,

conferindo uma rusticidade ao edifício. O uso de concreto, tijolos e estruturas metálicas cria uma estética sólida, que remete à indústria, além de valorizar o concreto armado como método construtivo, já estabelecido na arquitetura brasileira naquela instância. Além disso, o diálogo com o entorno é estabelecido por meio da preservação da memória da fábrica de tambores, o que a torna um marco arquitetônico e cultural na região (Figura 05).

Figura 05 - Diálogo do novo e a pré-existência



Fonte - GFAU, 1994

O SESC Pompeia tem uma forte contribuição social e cultural, promovendo o acesso democrático à cultura, ao esporte e ao lazer. O centro cultural oferece uma ampla programação que abrange diversas manifestações artísticas, projetos educacionais

e sociais, incentivando a participação da comunidade e fomentando, assim, a continuidade da identidade cultural coletiva, presente no imaginário da cidade. A unidade também realiza parcerias com outras instituições culturais e desenvolve ações em conjunto com a comunidade, promovendo um diálogo contínuo com a cidade e contribuindo para o desenvolvimento cultural e social da região.

4. CONTEXTO URBANO: BAIRRO NOVA ERA

A primeira etapa de um projeto de arquitetura e urbanismo deve compreender a esfera urbana, seus signos, materialidades e imaterialidades, dinâmicas, história, e as pessoas. Neste sentido, aqui serão analisados os aspectos que tangem principalmente a materialidade do bairro Nova Era, atrelando-os sempre às subjetividades que lhes são inerentes. A análise cuidadosa dos aspectos físicos e ambientais é fundamental para produzir projetos de arquitetura coerentes, sensíveis, sustentáveis e eficientes, o que contribui para o seu sucesso, uma vez a edificação estará mais apta a atender às necessidades das pessoas, e se integrar ao seu entorno de forma harmoniosa.

4.1. O Bairro Nova Era

Nova Era é um bairro localizado na região norte da cidade de Juiz de Fora - MG, possuindo grande importância dentro da dinâmica urbana, tanto territorial, devido à sua dimensão, quanto comercial, residencial e serviços. O seu crescimento e desenvolvimento se deve à sua proximidade ao bairro Benfica, e por ser margeado pelas Av. Juscelino Kubitschek, BR 267 e pela Av. Simeão de Faria que dão acesso à BR 040 (Figura 06), vias essenciais para a dinâmica urbana não só da Zona Norte, mas como de toda a cidade.

Figura 06 - Perspectiva de Nova Era e arredores



Fonte: Elaborado pela autora através do Google Earth

Vale aqui resgatar brevemente o processo histórico de ocupação territorial do bairro. A região onde hoje se localiza Nova Era, se origina a partir de um processo de loteamento da Fazenda da Saudade, que tinha como atividade principal a criação de gado no início do século XIX (Figura 07), que surge às margens da estrada do Paraibuna, hoje avenida Juscelino Kubitschek.

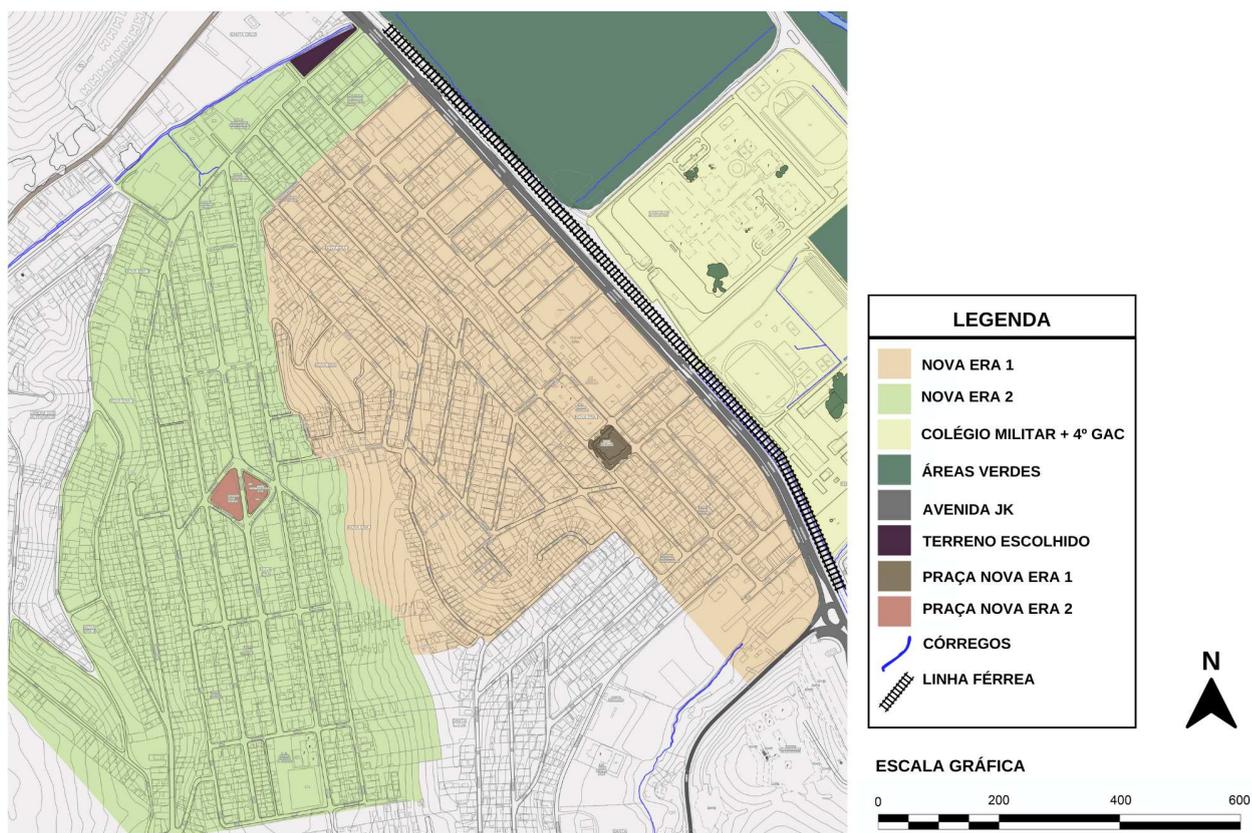
Figura 07 - Sede da Fazenda da Saudade, atual bairro Nova Era, década de 1910.



Fonte: Maurício Resgatando o Passado, 2022

A paisagem do bairro é composta por características da Zona da Mata mineira, com relevo acidentado, áreas planas, e remanescentes de Mata Atlântica, observada principalmente pela presença da Mata do Krambeck como plano de fundo, uma área de preservação ambiental fundamental para a conservação da biodiversidade da região. Além disso, o bairro, assim como outros da zona norte, é atravessado por um córrego, que também funciona como limite entre os bairros Nova Era, São Judas Tadeu e Santa Cruz. O córrego deságua no rio Paraibuna, e margeia o terreno de interesse para a elaboração do projeto arquitetônico e urbanístico deste trabalho. Devido a estes aspectos da paisagem, principalmente no que diz respeito à relação da ocupação territorial e a topografia, o bairro se divide em 2 partes: Nova Era 1 e 2 (Figura 08).

Figura 08 - Mapa geral bairro Nova Era e entorno



Fonte: elaborado pela autora, 2023

Neste trabalho, será analisado o entorno imediato ao terreno escolhido para a implantação do Centro Cultural de Nova Era, no item 4.2. deste capítulo.

4.2. Um Centro Cultural no bairro Nova Era

Uma vez que foram compreendidas a importância e a potência que a presença de um centro cultural oferece à um ambiente urbano, é necessário aprofundar as análises técnicas que envolvem a concepção de um projeto arquitetônico e urbanístico. Neste contexto, a análise do sítio é fundamental a qualquer início de pensamento projetual, uma vez que atua na compreensão de como será o diálogo entre o lugar pré existente - o entorno imediato, o bairro, a cidade - e a edificação proposta.

O terreno escolhido para a implantação do projeto, foi o ponto de partida para o desenvolvimento do tema e para a decisão pela tipologia arquitetônica de um centro cultural. O terreno possui localização privilegiada, entre a Av. Juscelino Kubitschek e a Rua General Almerindo da Silva Gomes, a primeira, umas das avenidas arteriais mais importantes dentro da malha urbana juizforana, e a segunda uma das principais ruas de acesso ao bairro Nova Era (Figura 09).

Figura 09 - O Terreno



Fonte: elaborado pela autora, 2023

O terreno é margeado pelo Córrego Santa Cruz, e por uma questão técnica, a área que está no encontro entre vias é propriedade da Cesama, empresa estatal de saneamento da cidade de Juiz de Fora. Sendo assim, a porção do terreno disponível possui área aproximadamente de 2810,03m², podendo ser alterada devido aos parâmetros ambientais. As fotos (Figuras 10 e 11) apresentam o terreno e sua relação com o entorno.

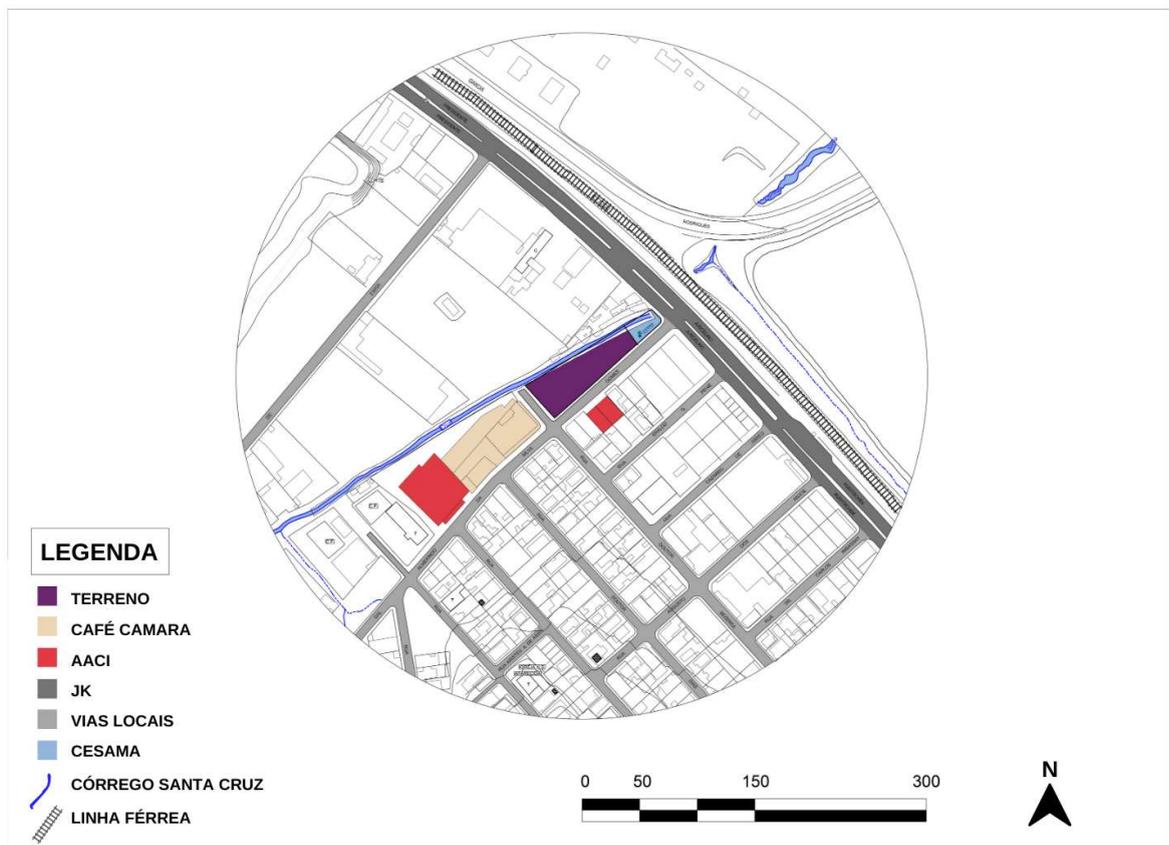
Figuras 10 e 11 - Fotos do Terreno



Fonte: Acervo da Autora, 2023

Sua eleição foi feita com base em uma análise cotidiana da dinâmica do bairro: disponibilidade; localização de destaque; a proximidade à uma associação de apoio a crianças e idosos (AACI); e principalmente, por se localizar ao lado de uma fábrica de café desativada, o Café Câmara, importante elemento da identidade cultural e coletiva do bairro (Figuras 12, 13 e 14). Além disso, a proximidade com a linha férrea soma valor cultural à proposta e escolha do lugar, por ser um elemento de identidade juizforano e mineiro.

Figura 12 - Mapa do entorno imediato ao terreno e elementos físicos cruciais para sua escolha



Fonte: elaborado pela autora, 2023

Figura 13 - Mosaico de fotos da Fábrica: à esquerda em 2005, à direita em 2023.



Fontes: Acervo Mauricio Resgatando o passado, 2021;
Acervo da autora, 2023

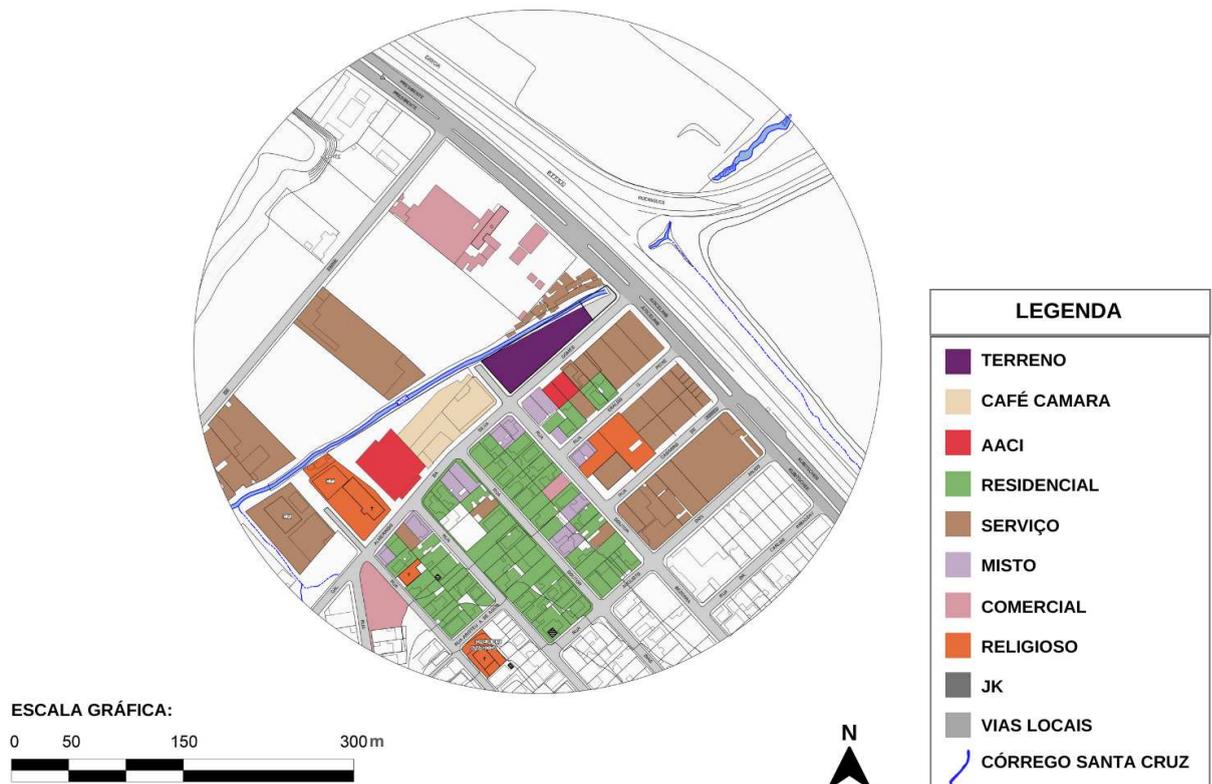
Figura 14 - Mosaico de fotos AACI



Fonte: Acervo da Autora, 2023

A ausência de um lugar para abrigar manifestações culturais nesta região, também foi um disparador para a escolha do terreno, já que as praças existentes, pela falta de manutenção e por estarem em áreas predominantemente residenciais, afastaram a população, inibindo sua apropriação. Ao analisar o entorno do terreno escolhido, notamos uma diversidade de atividades comerciais, de serviços e religiosas, além de residenciais (Figura 15). Isso contribui para que o projeto proposto seja bem recebido, pois o ambiente já é dinâmico e frequentado por pessoas de diferentes idades e interesses, aumentando a probabilidade de atrair um público diversificado e garantir o sucesso do centro cultural.

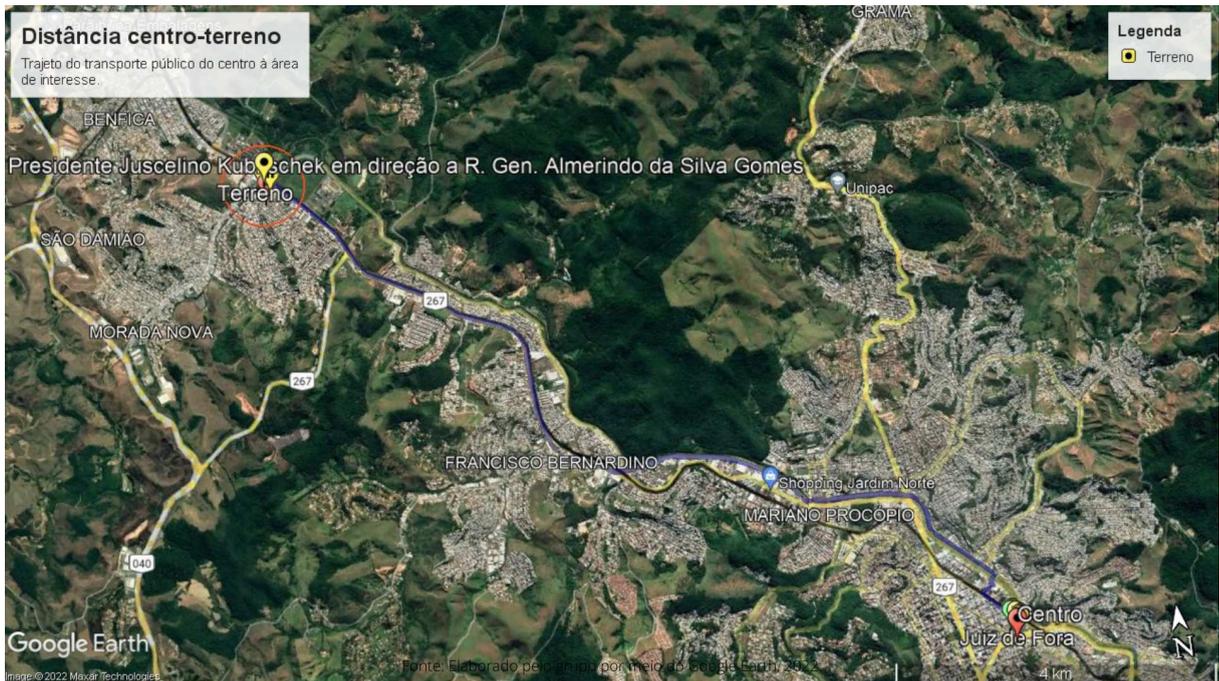
Figura 15 - Mapeamento de Usos



Fonte: elaborado pela autora, 2023

Devido a distância das áreas centrais da cidade (Figura 16), assim como aconteceu no bairro Benfica, o comércio local se fortaleceu e está em constante expansão. No trecho próximo ao terreno há uma grande diversidade comercial, onde podem ser encontradas padarias, armarinho, açougue, hortifruti, farmácia, mercado, imobiliária, lanchonetes, agropecuárias, entre outros (Figura 17).

Figura 16 - Distância Centro-Terreno



Fonte: Elaborado pela autora por meio do Google Earth, 2023

Figura 17 - Exemplo do comércio local: Padaria Nova Era



Fonte: Acervo da autora, 2023

Outra forte característica do bairro é a grande concentração de serviços automotivos, desde lojas de autopeças, oficinas mecânicas de automóveis de pequeno, médio e grande porte, até concessionárias. Por este motivo, a tipologia de galpões predomina a região (Figura 18), e, embora sejam geradores de diversidade, têm seu período de atividade diurno, o que torna algumas imediações, como as do terreno, perigosas para pedestres. Este fato reforça a necessidade da presença de um novo uso neste ambiente urbano, que auxiliaria tanto para fortalecer o comércio local, quanto para a segurança contribuindo com iluminação pública e incentivando o fluxo contínuo de pessoas em diferentes turnos do dia.

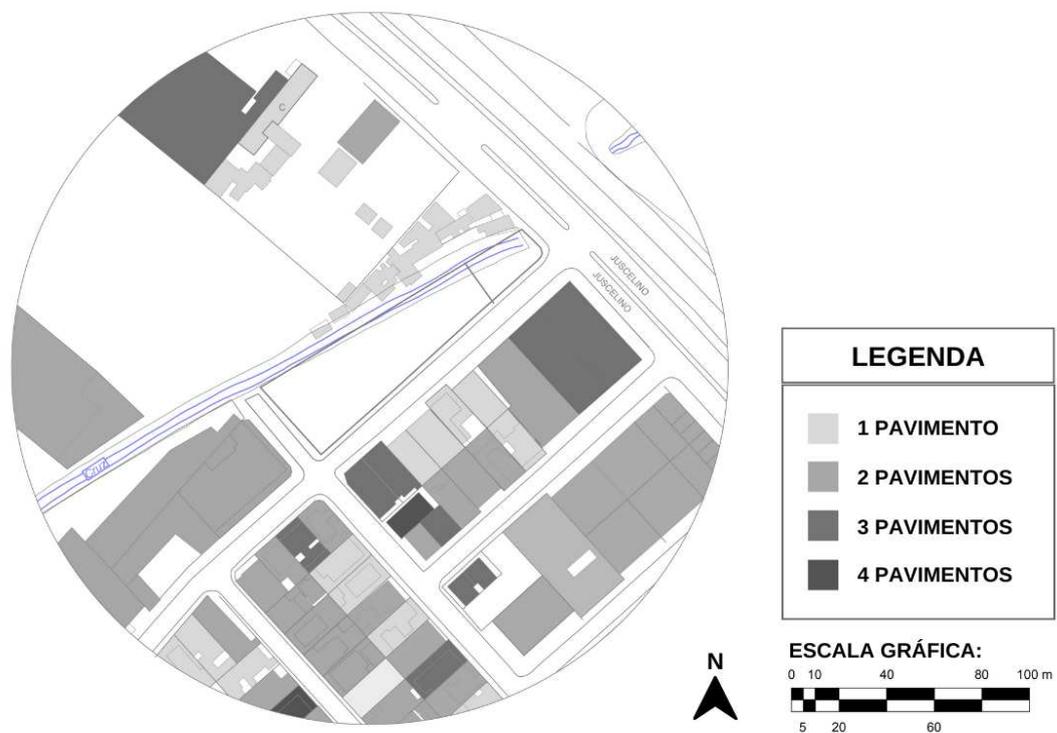
Figura 18 - Tipologia de Galpões encontrados no entorno do Terreno



Fonte: Acervo da autora, 2023

Outro aspecto importante para a análise do sítio é o mapeamento de gabaritos das edificações, que permite compreender o ambiente urbano no que diz respeito à altura das construções vizinhas. O gabarito analisado neste contexto varia entre 1 a 4 pavimentos (Figura 19), sendo considerado um gabarito baixo, característica comum a todo o bairro. Sendo assim, as diretrizes projetuais levarão este aspecto em consideração no processo de concepção do centro cultural, com o objetivo de integrar harmoniosamente a nova edificação ao entorno, mantendo a escala, e um diálogo estético coerente.

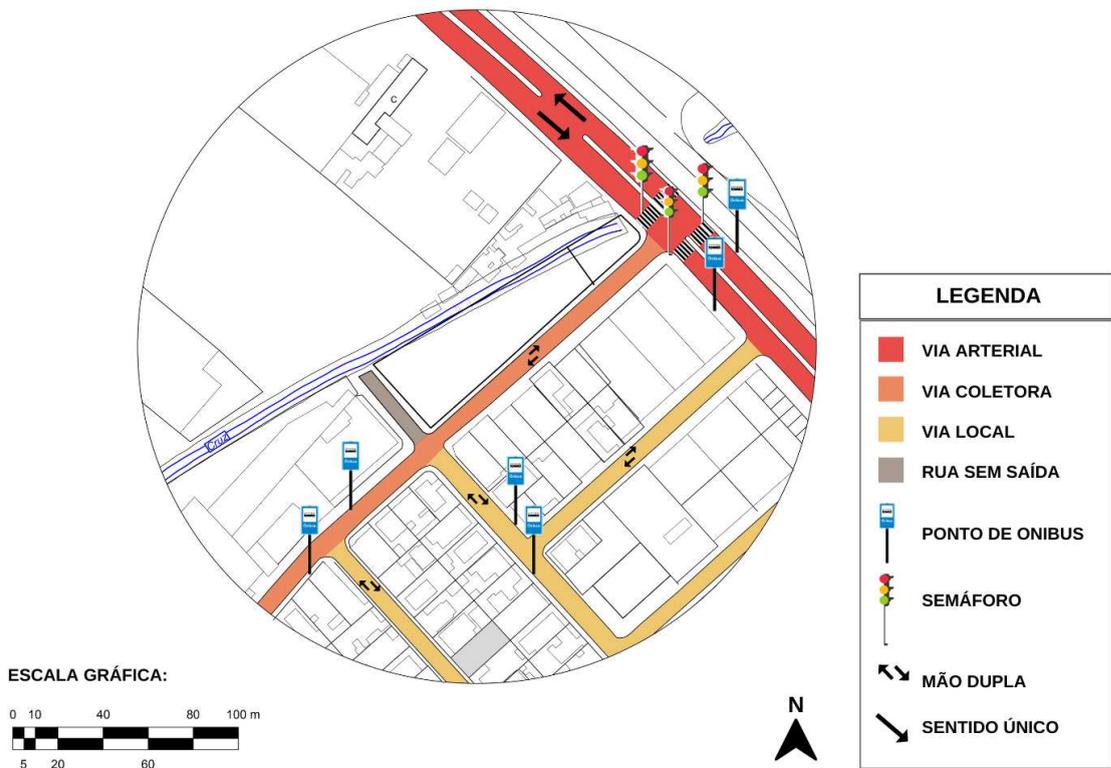
Figura 19 - Mapeamento de Gabaritos



Fonte: elaborado pela autora, 2023

A escolha do terreno, como já mencionado, considerou a sua localização privilegiada dentro da malha urbana. O que implica em uma condição de mobilidade favorável à intenção do projeto do Centro Cultural. Para isto, um mapeamento dos fluxos se fez necessário para diagnosticar a qualidade de mobilidade urbana que o ambiente já oferece, quais são as fragilidades, e como o projeto poderia contribuir para o seu desenvolvimento (Figura 20).

Figura 20 - Mapeamento de Fluxos



Fonte: elaborado pela autora, 2023

O mapeamento ilustra a intensidade de fluxos no entorno, com destaque para a Av. Juscelino Kubitschek que, por se tratar de uma via arterial, possui alto volume de tráfego e trânsito rápido. A rua General Almerindo da Silva Gomes, por sua vez, se configura como uma via coletora e distribui o fluxo para as vias locais, o que lhe atribui grande volume de tráfego porém com menor velocidade no trânsito, uma vez que suas dimensões são menores que as de uma avenida, e seu uso foi intensificado ao longo dos anos devido ao crescimento da região, e por isso não comporta adequadamente o volume de tráfego existente.

No que diz respeito à mobilidade urbana, o acesso ao terreno por transporte público é facilitado pelo grande número de pontos de ônibus existentes na região como um todo (Figura 21).

Figura 21: Transporte Público no Bairro Nova Era



Fonte: Elaborado pela autora por meio do Google Earth, 2023.

No entanto é possível notar uma insuficiência de faixas de segurança e semáforos, presentes somente na Av. JK, tornando difícil e insegura a mobilidade a todos os pedestres, atrelado às irregularidades das calçadas, que possuem desníveis e obstáculos significativos (Figura 22).

Figura 22: Irregularidades e Obstáculos nas Calçadas



Fonte: Acervo da autora, 2023

Sendo assim, estes aspectos deverão ser considerados nas diretrizes de projeto, já que impactam diretamente na dinâmica do lugar proposto. Além disso, ao identificar as fragilidades que o lugar apresenta, é essencial que o projeto traga soluções que, no mínimo, as amenizem, contribuindo para o desenvolvimento do ambiente urbano em questão, sendo este um papel fundamental do profissional arquiteto e urbanista. O último aspecto a ser analisado nesta etapa serão os elementos naturais que compõem a fisiologia do entorno (Figura 23).

Figura 23: Mapeamento de Elementos Naturais

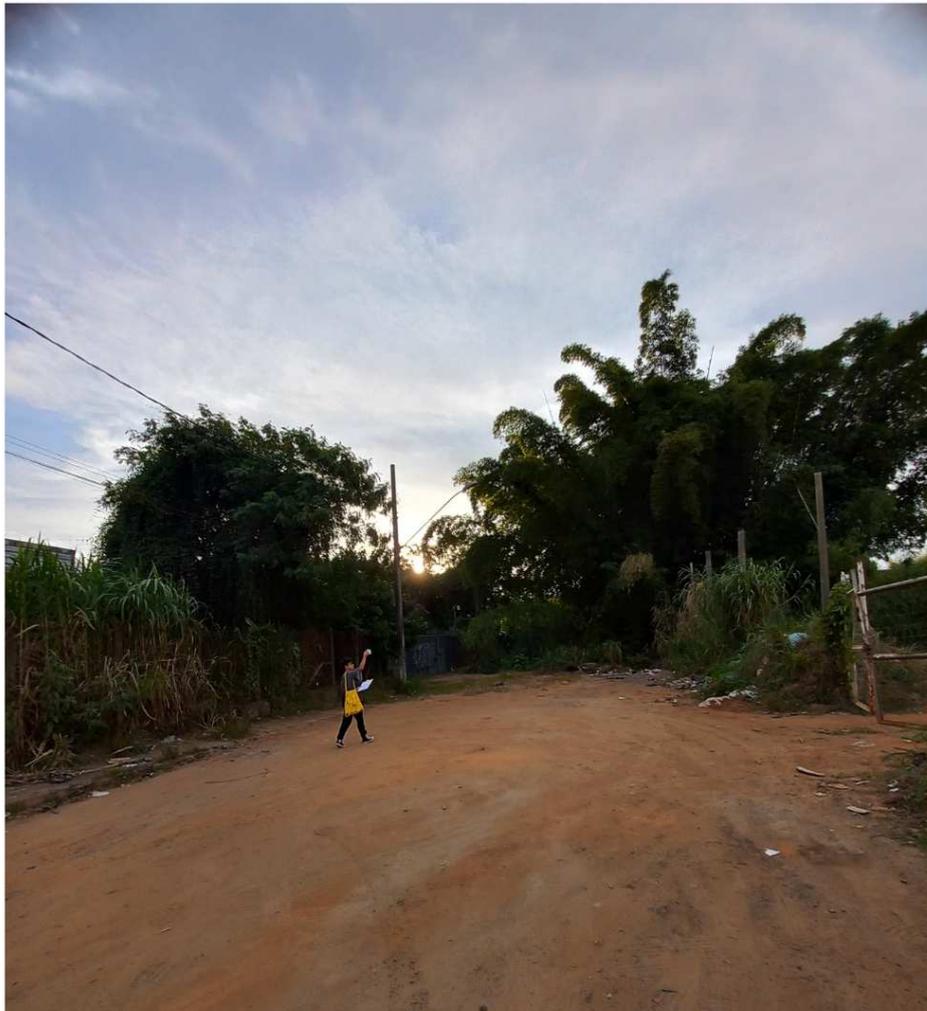


Fonte: elaborado pela autora, 2023

A região possui uma paisagem característica de Mata Atlântica, com relevo acidentado e algumas regiões com grandes remanescentes de vegetação. O entorno em questão, possui um córrego que o margeia, fazendo com que esta seja uma área mais plana em relação às outras do bairro, e ainda, está contíguo à uma

massa de vegetação de grande porte (Figura 24), que acompanha a extensão do córrego, como podemos observar no mapa.

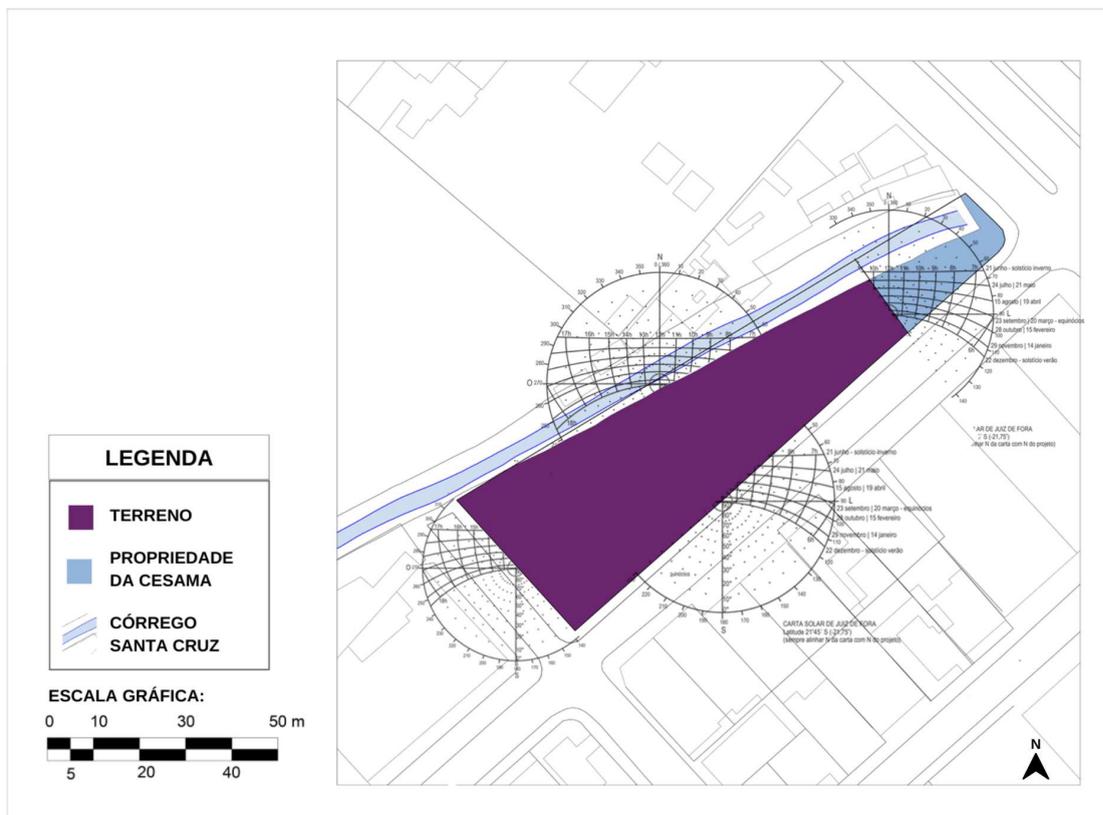
Figura 24: Vegetação contígua ao Terreno



Fonte: Acervo da autora, 2023

Uma análise da incidência de luz solar também se faz necessária uma vez que é outro fator crucial para estabelecer diretrizes projetuais, contribuindo para o estudo de implantação e setorização dos ambientes que vão compor a arquitetura. O estudo foi realizado utilizando a Carta Solar de Juiz de Fora (Figura 25).

Figura 25: Análise da Incidência Solar no Terreno



Fonte: elaborado pela autora utilizando a Carta Solar de Juiz de Fora, 2023

O terreno recebe a incidência da luz solar em todas as estações do ano e, levando em consideração o gabarito baixo das edificações que o circundam, ele não é afetado significativamente pela projeção de outras sombras. A fachada noroeste do terreno recebe incidência solar no inverno de 6hs às 12hs, enquanto no verão, aproximadamente de 7hs às 13hs. Assim acontece também na fachada sudeste, que recebe um pouco menos de insolação no verão, apenas de 7hs às 9hs. Já a fachada sudoeste recebe incidência de 14hs às 18hs no verão, e de 12hs às 18hs no inverno. Por fim, a fachada Noroeste recebe luz solar durante todo o dia no verão, e no inverno, das 12hs às 18hs.

Esta análise será essencial para a próxima etapa, pois é uma condicionante para determinar a orientação ideal do edifício, o posicionamento das aberturas (janelas, portas, brises, etc.) de forma estratégica para aproveitar a iluminação natural e controlar a absorção de calor nos períodos desejados, contribuindo para um melhor

conforto térmico, eficiência energética e iluminação natural adequada.

O estudo do contexto urbano aqui apresentado irá fundamentar o projeto arquitetônico e urbanístico a ser desenvolvido no TCC 2, e foi crucial para compreender os atributos físicos, culturais, ambientais e de infraestrutura urbana que permeiam o cenário em que o Centro Cultural Nova Era será inserido.

4.2. Programa e Diretrizes Arquitetônicas

O propósito de definir um programa arquitetônico no início do exercício projetual é o de estabelecer uma compreensão geral e abrangente das necessidades, objetivos e requisitos do projeto, além de identificar as funcionalidades desejadas, considerando o diagnóstico obtido através da análise do contexto urbano anterior. Portanto aqui será esboçado um programa arquitetônico preliminar, definindo uma setorização e pré-dimensionamento iniciais (Figura 26).

Figura 26: Programa Arquitetônico Preliminar

PROGRAMA ARQUITETÔNICO PRELIMINAR		
	SETORES	PRÉ-DIMENSIONAMENTO
1	ESPAÇO PÚBLICO	1000m ²
2	ADMINISTRATIVO	200m ²
3	SERVIÇO E TÉCNICO	200m ²
4	CONVIVÊNCIA	400m ²
5	EXPOSIÇÕES E APRESENTAÇÕES	800m ²
6	ENSINO	200m ²

Fonte: elaborado pela autora, 2023

Por fim, as diretrizes projetuais que irão nortear as decisões de projeto arquitetônico e urbanístico no TCC II, terão como objetivo principal materializar na arquitetura a identidade coletiva do bairro Nova Era. Serão elas:

1. Produção de uma arquitetura inclusiva e representativa;
2. Imprimir as subjetividades do lugar no processo projetual;
3. Garantir harmonia entre o pré-existente e a nova arquitetura;
4. Contribuir com um espaço público urbano acessível;
5. Incluir um projeto paisagístico ao espaço público;
6. Contribuir para o desenvolvimento da infraestrutura urbana do entorno;
7. Resgatar o conceito modernista de “arte total” no processo de projeto;
8. Produzir uma arquitetura de baixo impacto;
9. Adotar postura sustentável quanto à escolha dos materiais, sistema construtivo e revestimentos;
10. Contribuir para a continuidade e ressignificação da identidade coletiva do bairro através de uma arquitetura que permita apropriação, manifestações culturais ao mesmo tempo que conte a história deste lugar.

A partir deste processo de projeto que se iniciou aqui, serão aprofundadas na etapa seguinte (TCC 2), as questões inerentes à materialidade e à técnica do projeto arquitetônico e urbanístico, assim como as aplicações das discussões e análises aqui apresentadas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ausência de manutenção dos espaços públicos existentes no bairro Nova Era desperta a necessidade da construção de um novo lugar que abrigue as atividades e manifestações culturais, promovendo acesso à cultura e ao esporte, e permitindo a continuidade do senso de comunidade presente no bairro e da identidade coletiva. Neste estudo foi possível aproximar das imaterialidades e materialidades que compõem o bairro, que serão fundamentais para continuar o processo projetual que se iniciou nesta etapa.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Renata Carneiro. **A atuação de Lina Bo Bardi na criação do SESC Pompéia (1977-1986)**. 2017. 198 p. Dissertação (mestrado). Instituto de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo, São Carlos-SP, 2017. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/102/102132/tde-11042017-111444/publico/CorrigidaRenataBechara.pdf>. Acesso em: 05/06/2023.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Seção II. **Art. 215**. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 10/07/2023.

BORGES, Barbara Bischoff Santana. **Fábrica da Pompeia (Sesc Pompeia)**. Oficina de produção multimídia, dezembro de 2012. Disponível em: <https://arteforadomuseu.com.br/sesc-pompeia/#:~:text=A%20%C3%A1rea%20ocupa da%20atualmente%20pelo,do%20in%C3%ADcio%20do%20s%C3%A9culo%20XX>. Acesso em: 15/06/23.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p. 13. Disponível em: <https://www.ufjf.br/lapa/files/2008/08/Alegoria-do-patrim%C3%B3nio-Fran%C3%A7ois-Choay.pdf>. Acesso em: 12/05/23.

CARDOSO, Diogo et al. (2017). **Espacialidades e ressonâncias do patrimônio cultural: reflexões sobre identidade e pertencimento**. Revista de Geografia e Ordenamento do Território (GOT), n.º 11 (junho). Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território, p. 83-98.

DUMAZEDIER, Jofre. **Lazer e cultura popular**. Debates, São Paulo: Perspectiva. 1976.
<http://www.saosebastiao.sp.gov.br/ef/pages/Sa%C3%BAde/Lazer/leituras/l3.pdf>

EAGLETON, Terry. **A Ideia de Cultura**. Tradução Sandra Castello Branco; revisão técnica Cezar Mortari. - São Paulo: Editora UNESP, 2005. Disponível em: <https://culturasantanna.files.wordpress.com/2015/03/a-ideia-de-cultura-terry-eagleton.pdf>. Acesso em: 15/05/2023.

ESPOLADOR, Thais Cristina *et al.* **CENTRO CULTURAL: EVOLUÇÃO E IMPORTÂNCIA NO BRASIL.** Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE, Curso de Arquitetura e Urbanismo, Presidente Prudente, SP. Colloquium Socialis, Presidente Prudente, v. 02, n. Especial 2, Jul/Dez, 2018, p.636-641. Disponível em: <http://www.unoeste.br/site/enepe/2018/suplementos/area/Socialis/Arquitetura%20e%20Urbanismo/CENTRO%20CULTURAL%20EVOLU%C3%87%C3%83O%20E%20IMPORT%C3%82NCIA%20NO%20BRASIL.pdf> Acesso em: 09/05/2023.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4005834/mod_resource/content/1/48811146-Maurice-Halbwachs-A-Memoria-Coletiva.pdf

JUNQUEIRA, Aline da Rocha *et al.* **Benfica da Gente: A história do bairro-cidade contada por seus moradores.** Juiz de Fora, 05 de Setembro de 2012. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=JKnjg5gvB1I&ab_channel=MemoriasdeJuizdeForaoResgatedeumPassado. Acesso em: 18/10/2022.

MOURA, Antônio de Paiva. **Memória Histórica da Escola Guignard.** Usina de Livros, Belo Horizonte – 1993. Disponível em: https://www.academia.edu/4360057/Memoria_historica_da_Escola_Guignard. Acesso em: 30/05/2023

NAHAS, Patricia Viceconti. **Brasil Arquitetura: memória e contemporaneidade. Um percurso do Sesc Pompéia ao Museu do Pão (1977 – 2008).** Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2008. Disponível em: <https://livros01.livrosgratis.com.br/cp108149.pdf> . Acesso em: 13/06/2023.

NORA, Pierre. **“Entre Memória e História: a problemática dos lugares”**, In: Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade étnica, identificação e manipulação.** SOCIEDADE E CULTURA, V. 6, N. 2, JUL./DEZ. 2003, P. 117-131

PENNA, Gustavo. **Escola Guignard.** Belo Horizonte, Junho de 2012. Disponível em: <https://www.monografias.com/pt/docs/Escola-de-arte-guignard-arquitetura-e-urbanismo-F3ZCS6JWH5> Acesso em: 15/06/23.

PEDROSO, Emmanuel Sá Resende. **A memória do idoso e a identidade da cidade como referências na análise da apropriação formal/espacial do espaço urbano.** 159 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Curso de

Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

SILVA, Régis Francisco Rafael. **BENFICA: subúrbio ferroviário, industrial, militar e operário**. 2015. 196 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Departamento de Geografia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015. Disponível em:

<https://www.ufjf.br/latur/files/2014/11/BENFICA-sub%c3%barbio-ferrovi%c3%a1rio-industrial-militar-e-oper%c3%a1rio.pdf> Acesso em: 08 de nov. 2022.

SOUZA, Maria Luiza Germano de; BORGES, Thiago Roney Lira. **Literatura e Cultura: ensaios críticos** - 1. ed. - Rio de Janeiro: Letra Capital, 2019. Disponível em:

https://www.academia.edu/42089369/LITERATURA_E_CULTURA_ensaios_cr%C3%ADticos_apresenta%C3%A7%C3%A3o_e_organiza%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 16 de maio, 2023.